

Lina Magaia

Quando o inimigo usa todas ^{7.1.88} as armas para nos destruir (conclusão)

Será verdade Sr. Sigaule que um massacre daquele tamanho é uma acção de reabastecimento? E que se a operação era de reabastecimento, não se entende por que então machibombos de transporte de passageiros foram queimados com os seus passageiros dentro. Porque camiões de comida e outros bens foram incendiados. Eu não estava lá, mas testemunhas dizem que os bandidos eram mais de uma centena... Seria mesmo para roubar ou para massacrar? Os maiores prejuízos foram do que faltou por ter sido levado ou do que foi deliberadamente destruído a ferro e fogo? Gostaria que o Sr. Sigaule investigasse isto. Sobretudo quando insinua que os mortos resultaram da troca de tiros entre bandidos e militares...

O Sr. Sigaule diz que «a verdade é que as emboscadas de Tanginga se dão a 12 quilómetros da Palmeira, onde já é célebre o mercado local, no qual se pode encontrar tudo, a preços altos, mas em quantidade como não há igual no país... nem na loja dos estrangeiros (?) nem na loja dos dirigentes».

Com isto o Sr. Sigaule quer dizer que na Palmeira existe um mercado onde são vendidos os produtos do saque dos bandidos armados.

Porcaria da minha cabeça. Por mais que pense, por mais que vasculhe, na Palmeira não vejo nenhum mercado onde se vende tudo. As poucas coisas que por lá aparecem na cantina são dos trabalhadores do Inácio de Sousa que faz muita ginástica para arranjar abastecimento reforçado para eles, desde vender banana em divisas a percorrer todos os mercados possíveis, e requerimentos que nunca mais acabam.

O mercado de que muito se falou aqui em Moçambique, na Estrada Nacional número 1, chamou-se o «Mercado da Coluna» e está no distrito de Marracuene a Sul do distrito da Manhiça. Tanginga dista mais de cinquenta quilómetros desta localidade e esse mercado estava sob o controlo das estruturas distritais de Marracuene e foi desmantelado 28 dias antes do massacre de Tanginga. Não sei por decisão de quem. Fiquei zangada com isso pois que o seu desmantelamento impossibilitou agarrar-se as origens dos produtos aí vendidos se fossem roubados. Eu insisto em dizer que no «Mercado da Coluna» não vi nenhuns produtos do Programa da Emergência. Vi sim, produtos de oferta e o Governo de Moçambique, devidamente autorizado pelos ofertantes, vende nas cooperativas e outras lojas de abastecimento ao povo. Ah, lá isto vi!...

Os cigarros Palmar, que no «Mercado da Coluna» eram vendidos a 450,00 meticais, por exemplo, na famosíssima «loja do coxinho» são vendidos a 500,00, em pleno coração da cidade de Maputo. Não saberá disto o Sr. Sigaule?

Se o Sr. Sigaule está ~~vá~~ lá, ou é cego, ou então é um dos promotores do banditismo armado a querer confundir a opinião pública. Se não está, os seus agentes informadores ou lhe desejam mal por isso lhe informam torto e fazem parte dos promotores do banditismo ou usam-no de modo que com a sua pena crie confusão na opinião pública. É possível. Inocência? Não acredito.

Só lamenta que se diga que os massacrados com aquela violência são produtos de reabastecimento não se sabe a quem e não que seja um plano de aterrorizar, de meter medo, de desestabilizar. Vou recordar os objectivos (em termos militares — os alvos) do plano sul-africano referidos nos documentos de Gorongosa.

Do que escreveu sobre o Presidente Chissano e do comunicado do Bureau Político, não vou comentar aqui, pois nunca mais acabava. O que farei desde já, é enviar uma cópia deste meu comentário ao Jornal África, para publicá-lo, pois não sei se o Sr. Sigaule lê os nossos jornais e quero que ele saiba o que penso do que ele disse. É que sou da Manhiça já perdi familiares, amigos e conhecidos vítimas desta «guerra».

Mas talvez volte a escrever para aquele jornal de modo a contar aquilo de que normalmente não se fala nos jornais: que apesar dos massacres, o Povo moçambicano constrói o País e com muita força, com confiança na vitória. Falarei das armas que o povo empunha para matar os bandidos armados a quem tanto odeia, porque, isto sim é verdade, em Moçambique, e é preciso que se saiba, ainda não estamos no calvário.